

Glosa Visual #6: Aprendendo com práticas locais

por Beatriz Duarte

(i2ADS-FBAUP)

Conceitos e métodos importantes: amizade, publicação, caminhada, comida, efemeridade, narrativas orais, contra memória urbana, reinscrição simbólica e corpórea.



No terceiro dia do encontro *Ecologies of Care*, a prática do cuidado se fez ainda mais presente quando nos reunimos na Bikini Books, uma editora e espaço feminista de design fundada por Nina Paim no Porto. Sentadas em volta de uma mesa, fomos acolhidas em um ambiente que, mais do que físico, era afetivo: uma rede de amizades e parcerias cuidadosamente cultivadas por Nina. Era como se, nessa mesa, também entrássemos na teia de relações que sustentam seu trabalho e sua vida.

Nina mencionou um dos livros publicados pela Bikini Books, *On Design, Feminism and Friendship*, no qual entrevista Briar Levit (2024), como uma referência central para pensar sua própria prática: a amizade como um fundamento ético, estético e político. Ao evocar essa obra, ela sinalizava que seu trabalho não se constrói a partir de gestos isolados, mas se enraíza em vínculos e relações, especialmente entre pessoas em diáspora, como ela e muitas de nós, que precisam refazer suas redes de apoio em territórios estrangeiros. Nesse contexto, a amizade torna-se afeto, mas também metodologia. É por meio dela que Nina constrói e sustenta laços e colaborações, reunindo pessoas para editar e publicar livros que, como sua própria prática, nascem dessas redes de cuidado e afeto compartilhado.



Encontro na Bikini Books durante o terceiro dia do *Ecologies of Care*, com o grupo reunido em torno da mesa para partilhas e conversas sobre práticas de cuidado, amizade e edição feminista.

Nesse gesto de entrelaçar amizade e método que Nina convidou amigas-companheiras (Isabeli Santiago, Alicia Medeiros, Chloé Darmon, Isabel Duarte, Karina Ramos, and Engy Aly, Mayar El Bakry e Raya Leary) para compartilharem suas pesquisas e práticas com as investigadoras dos grupos Extreme Sites e Ecologies of Care. Artistas e pesquisadoras cujos trabalhos orbitam temas como o design e o espaço público, práticas culinárias, publicação independente e formas de cuidado insurgente. As contribuições apresentadas abordaram, entre outros temas, a presença da memória feminina em antigos lavadouros públicos; as relações entre práticas literárias e o espaço urbano; a caminhada como prática crítica que desafia o sujeito flâneur e propõe outras formas de percepção e inscrição no território; a história da África em intersecção com a gastronomia africana e afro-brasileira, revelando como os alimentos carregam narrativas de ancestralidade, migração e resistência; práticas experimentais de edição e publicação como espaços de articulação política e criação coletiva, etc.

Mais tarde, deslocamos nossa atenção para o espaço urbano e suas camadas de memória. Participamos de uma caminhada feminista pela cidade do Porto, conduzida pelo coletivo MAAD (Mulhe-

Momento de partilha durante o encontro na Bikini Books, com uma participante apresentando suas reflexões ao grupo.



res, Arte, Arquitetura & Design). A proposta era revisitar a cidade por meio de uma leitura crítica de seus monumentos, estátuas e omissões: onde estão as mulheres? Como — e se — são lembradas? Quais vidas foram apagadas da paisagem pública? Segundo o coletivo, a presença de pessoas historicamente marginalizadas, por gênero, raça, classe, idade, entre outros marcadores, tem sido sistematicamente distorcida, tornada ilegível ou simplesmente apagada, tanto material quanto simbolicamente, dos espaços da cidade.





Momento do Tour Feminista do Porto guiada pelo coletivo MAAD, com o grupo reunido para uma das paradas de discussão ao longo do percurso sobre Gisberta e suas memórias

A caminhada percorreu pontos como o Largo Amor de Perdição, a Rua de Cedofeita, o Jardim de São Lázaro, a Biblioteca Municipal do Porto, o Cemitério do Prado do Repouso e fez referência ao Edifício Pão de Açúcar. Em cada parada, histórias eram desveladas: Ana Plácido, escritora silenciada e subordinada à memória de Camilo Castelo Branco; Carolina Michaelis, intelectual homenageada, mas ainda exceção à regra de apagamento; Gisberta Salce, mulher trans brutalmente assassinada, cuja lembrança ainda é objeto de disputa, entre outras.

Ao convocar essas figuras, o coletivo também iluminava temas como transfobia, xenofobia, sexualização dos corpos femininos, colonialismo e violência simbólica, que perpassam os espaços públicos que habitamos. Ao longo do percurso, traziam ainda referências do trabalho de outras pessoas artistas e pesquisadoras que investigam criticamente esses espaços e suas camadas de invisibilidade — como se, ao caminhar, fossem também tecendo uma rede de continuidade de vozes que insistem em desafiar o esquecimento por meio da investigação artística, como Hilda de Paulo, Marina Moraes, Tiago Liberdade, entre outras.

A proposta, no entanto, ia além da denúncia: tratava-se também de uma prática performativa e interventiva. Em alguns dos pontos do percurso, o grupo acionava pequenos gestos de reinscrição da memória no espaço público: colaram adesivos, abriram cartas e cartazes e colocaram músicas. Contudo, como nos contaram, essas intervenções são frequentemente removidas, evidenciando a dificuldade de estabelecer marcas duradouras para narrativas dissidentes.

Ainda assim, o coletivo insiste na potência do efêmero. Em sintonia com a proposta do encontro, evocam o cuidado como prática que ocupa os espaços, habita as lacunas dos monumentos com outras visualidades e vozes. Cuidar do espaço, nesse sentido, significa questioná-lo e reinscrevê-lo a partir de uma perspectiva feminista

interseccional, instaurando micro-infraestruturas de memória capazes de resistir ao esquecimento.

A caminhada ressoou diretamente com o argumento desenvolvido por Elke Krasny sobre o cuidado como uma infraestruturalidade crítica. Ao defender que práticas aparentemente frágeis, como caminhar juntas, ler em voz alta, marcar o espaço com gestos temporários, podem fissurar lógicas urbanas excludentes e propor modos de convivência mais justos, Krasny nos oferece uma lente para compreender as intervenções efêmeras do coletivo feminista: ainda que removidas, essas ações deixam resíduos, deslocam olhares e instauram formas de *slow learning* e pedagogias da esperança (Freire, 2014) que reconfiguram, ainda que sutilmente, as condições de visibilidade e pertencimento nos espaços que habitamos. Esse dia reforçou que o cuidado se tece na coletividade, nas relações e na insistência: é ocupar e imaginar futuros para que outras histórias possam, enfim, permanecer.